GÊNERO E POLÍTICA NO HUMOR DA "BOLADA" DAS REDES

Adriana Jacob Carneiro[1]
Linda Rubim[2]

Resumo: Este trabalho investiga entrelaces de humor, política e gênero nas postagens de Dilma Bolada, personagem inspirada na presidenta Dilma Rousseff. O *corpus* da análise são publicações feitas na referida página, na rede social Facebook, durante o período do *impeachment*, quando a presidenta foi destituída do cargo. Esse momento de tensão política, no qual as questões de gênero tiveram importância significativa, é analisado neste texto, através de uma abordagem multidisciplinar, ancorada nos estudos de gênero, humor e mídia. Observamos os estereótipos de gênero associados à personagem, buscando examinar se eles sinalizam tensões relacionadas à presença da mulher na política. Constatamos que Dilma Bolada enfatiza características que, em alguns momentos, atendem a uma cultura do masculino e, em outros, seu comportamento está mais vinculado ao que se caracteriza como "o ser feminino". A combinação dessas representações denota uma tensão, entretanto os tecidos porosos do humor do qual se constitui a personagem subvertem papéis tradicionais de gênero.
Palavras-chave: Gênero, Humor, Redes sociais, Dilma Bolada.

Introdução

A partir dos entrelaçamentos entre o humor e a política na ambiência das redes sociais, este artigo se propõe a realizar um estudo de gênero na cultura contemporânea, tomando como objeto de análise a personagem fictícia Dilma Bolada, na rede social Facebook. Auto intitulada "Rainha da Nação, Diva do Povo e Soberana das Américas", Dilma Bolada tem como inspiração Dilma Vana Rousseff, a primeira mulher presidenta da República do Brasil.

Criada em 2010 pelo publicitário carioca Jeferson Monteiro – na época, um estudante de 19 anos –, a personagem humorística carrega no sobrenome uma alusão ao temperamento forte da líder do Executivo do país entre os anos de 2011 e 2016. Ao mesmo tempo, a expressão "Bolada", inspirada nos bailes *funk* do Rio de Janeiro, surpreendia inclusive pela irreverência. As publicações da página narravam a agenda política e os bastidores da rotina da presidenta fictícia Dilma Bolada, com o uso da linguagem humorística muito presente nas redes sociais. No período de nossa

[1] Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Universidade Federal da Bahia). E-mail: adrianajacob.cultura@gmail.com.
[2] Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Universidade Federal da Bahia). E-mail: lindasorubim@gmail.com.

investigação, a personagem era acompanhada por um público de mais de 3 milhões de internautas, somadas às redes sociais nas quais estava presente.

Dilma Bolada desenvolveu um estilo e vocabulário próprios, e suas narrativas extrapolaram a internet. Suas falas influenciaram um contingente significativo de público e tornaram a criação conhecida nacional e internacionalmente, com direito a alguns dos mais importantes prêmios mundiais da internet. A paródia da presidenta ganhou visibilidade em mídias diversas, a exemplo de matérias em revistas como a Forbes[3] e jornais como o Los Angeles Times[4] e o The Guardian[5], o que demonstra a sua popularidade, em contraposição com a avaliação cada vez mais negativa de sua inspiradora durante o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Naquele contexto, as postagens de Dilma Bolada usaram o potencial subversivo e crítico do humor para interpretar os fatos que culminaram com a destituição da presidenta. Sinônimo de poder e considerada o lugar mais icônico da esfera pública, a política ainda é um campo majoritariamente masculino. Estar presente nesse espaço, apesar das ressalvas, sinaliza um processo de conquistas e empoderamento para as mulheres. Historicamente, elas foram excluídas das estruturas de poder e, na cultura política, vivenciam a associação com uma série de estereótipos sexistas que reforçam tal exclusão e dificultam, quando não impedem, sua participação nas instâncias de deliberação. Uma realidade que cerceia, também, seu direito à cidadania plena.

O humor tem sido utilizado com frequência para fortalecer imagens negativas da mulher nos espaços públicos de poder, seja em comédias da Grécia Antiga ou em charges que ridicularizavam as sufragistas em fins do século XIX e início do século XX. A ideia de mostrar a política como um ambiente inapropriado para as mulheres ganhou novos formatos na cultura contemporânea, quando diversos *memes* nas redes sociais usam a linguagem humorística para disseminar conteúdos preconceituosos e misóginos.

---

[3] ANTUNES, Anderson. “Meet Dilma Bolada, Facebook's Most Influential Fictional Character. **Forbes**, 28 abril 2014. Disponível em: https://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2014/04/28/meet-dilma-bolada-facebooks-most-influential-fictional-character/#1d08da3a464d. Acesso em: 05 de julho de 2019.

[4] BEVINS, Vincent. “After Twitter parody goes viral, Brazil leader meets her doppelganger”. **Los Angeles Times**, 25 de outubro de 2013. Disponível em: https://www.latimes.com/world/la-fg-ff-brazil-rousseff-parody-20131025-story.html. Acesso em: 4 de julho de 2019.

[5] WATTS, Jonathan. Dilma Bolada: Brazilian’s president alter ego is more popular than she is. **The Guardian**, Curitiba, 9 maio 2016. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2016/may/09/dilma-bolada-brazil-president-facebook-twitter.

Nosso interesse é observar outras possíveis tecituras decorrentes dessa relação entre política e humor, em uma ambiência fundamental para a configuração da política em tempos atuais: a internet.

Dilma Bolada, humor e política

Nosso estudo investiga entrelaces de humor, política e gênero na *fanpage* Dilma Bolada no período em que transcorreu o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Entre os meses de dezembro de 2015 e agosto de 2016, a personagem contou a sua versão do processo de impedimento, através de mais de 400 postagens no Facebook, rede social na qual tinha maior número de seguidores, justificativa da nossa escolha por essa rede.

Ao juntar humor e política, as narrativas da personagem utilizam o potencial de aproximação oferecido pelo humor (CHAGAS et al, 2017; LIPOVETSKY, 2005). A linguagem humorística pode dissolver barreiras e relaxar tensões, inclusive as de gênero. Pesquisa da Pew Research Foundation (2010) mostra que é significativa a quantidade de pessoas que buscam informação política, através de conteúdos humorísticos, o que reforça a importância dessa linguagem no cenário político contemporâneo.

Metodologia

Os estereótipos de gênero foram fundamentais para a organização das narrativas que buscavam desqualificar a mulher que ousou conquistar, por duas vezes, o direito de governar o Brasil. Não por acaso, tensões de gênero foram acirradas durante os nove meses em que transcorreu o processo de *impeachment* da presidenta, marco temporal de nossa pesquisa.

Para empreender a investigação proposta, optamos por observar quais as características da personagem são evidenciadas nas postagens da *fanpage* Dilma Bolada, no referido período, e analisar de que modo esses atributos dialogam com estereótipos de gênero. A pesquisa contempla uma análise qualitativa de quatro postagens selecionadas por apresentarem quantidade expressiva de estereótipos de gênero, e estarem entre os *posts* mais curtidos de cada mês. Além disso, dedicamos alguns comentários a outras postagens que, embora não obedecessem aos critérios da

análise formal já citada, consideramos importantes por se relacionarem direta e enfaticamente com o tema de gênero.

Assim, propomos através deste *paper* um olhar multidisciplinar sobre as questões de gênero, considerando-se a pertinência da relação dialógica estabelecida com o contexto político, elaborada sob as teias do humor. Este último, uma ferramenta eficiente da cultura política, que não raramente, se estabelece como um significativo campo de tensões.

Humor, política e gênero em Dilma Bolada

As postagens selecionadas para nossa análise qualitativa foram publicadas na *fanpage* de Dilma Bolada entre os meses de dezembro de 2015 – quando um dos principais opositores da presidenta, o deputado federal e presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), acolheu o pedido de *impeachment* contra ela – e julho de 2016.[6] Em 31 de agosto de 2016, a presidenta foi definitivamente afastada do cargo para o qual havia sido democraticamente eleita.

Analisamos os estereótipos de gênero presentes nos *posts* selecionados, conforme os critérios estabelecidos e descritos nesse texto, tecendo entrelaces possíveis com a linguagem humorística. Nosso objetivo foi investigar se as narrativas da personagem reforçam estereótipos tradicionais da mulher na política, ou se propõem outras abordagens sobre esse lugar de poder. Na medida em que os estereótipos são crenças compartilhadas sobre as características, papéis e comportamentos dos indivíduos, eles podem definir as expectativas de comportamento considerados socialmente mais apropriado para as mulheres e homens (BAUER, 2013, p.24).

Ao definir funções sociais de acordo com o gênero, esses padrões de conduta aprisionam as mulheres a atividades domésticas, a exemplo de mães, esposas e cuidadoras, mais relacionadas a atributos como sensibilidade, gentileza e modéstia. Os homens, por sua vez, desempenhariam papéis de liderança, que têm características

[6] As postagens analisadas são: "Que os jogos comecem e que a sorte esteja sempre a seu favor" (02/12/2015), "Dilma Bolada lê a lista de réus de crimes de corrupção na Operação Lava Jato" (23/03/2016), "Bela, recatada e do lar" (20/04/2016), "De fome não morro" (09/06/2016) e "Com golpe x Sem golpe" (13/07/2016).

traduzidas como assertividade e clareza. Essa divisão estereotipada baseia-se na extrapolação dos papéis de gênero historicamente destinados às mulheres e homens, associando as primeiras à esfera privada e os segundos à esfera pública.

Ao longo da história, entretanto, as mulheres têm questionado tal exclusão e lutam pela conquista do exercício de outras atividades, inclusive dos espaços considerados públicos, do qual o mais icônico é o espaço político. Todavia, o êxito de algumas mulheres e a mudança nas leis, por si só, não promovem uma transformação nos comportamentos, na estrutura social, nas relações de gênero, nos padrões de socialização e no próprio modelo de cidadania construída secularmente a partir da imagem masculina.

Ainda hoje, a divisão estereotipada de papéis pode ter efeitos negativos para mulheres que se comportam de maneira diferente daquela socialmente esperada. O ambiente político demanda, muitas vezes, que as mulheres tenham comportamento assertivo e agressivo, mas esses não são estereótipos femininos. Como apontam as pesquisas de Kathleen Hall Jamieson (1995), Nichole M. Bauer (2003) e Donnalyn Pompper (2017), tal tensão pode criar um dilema para as mulheres na política, na medida em que precisam escolher se irão romper com essas expectativas de comportamentos baseadas em estereótipos de gênero. Mas este é um caminho cheio de riscos, já que elas podem ser rejeitadas por serem consideradas pouco femininas. Por outro lado, ao seguirem as características culturalmente associadas às mulheres, arriscam-se a críticas negativas de serem politicamente inviáveis ou inapropriadas. Esses limites têm reflexos no pouco expressivo número de mulheres em posições de poder, com destaque para a política. Trata-se, portanto, de uma ambiência permeada de tensões, cujos efeitos continuam sendo estudados na pesquisa acadêmica de diversos países.

"A batalha final contra o golpe"

O anúncio do processo de afastamento da presidenta Dilma Rousseff, em dezembro de 2015, marca uma nova fase para Dilma Bolada. Ela se diferenciava de suas narrativas anteriores por estar menos maternal e mais corajosa, pronta para o embate, como explicou seu criador, Jeferson Monteiro (12 dez. 2015. Informação verbal). Características como a coragem e a disposição para a luta ficam claras já na primeira

publicação da personagem após a abertura do processo de *impeachment*, que marca o tom das suas narrativas nos meses seguintes. O *post* apresenta uma fotomontagem de Dilma Bolada vestida com o figurino de luta de Katniss Everdeen, a heroína da saga cinematográfica *Jogos Vorazes.*[7]

A referida postagem foi a mais curtida do mês de dezembro de 2015 (74 mil curtidas) e traz o seguinte texto: "Jogos Vorazes: A Esperança – O Final. O fogo queimará para sempre. Que os jogos comecem e que a sorte esteja sempre a seu favor. Se me atacá, eu vou atacá (sic)". O humor da publicação está ancorado nas referências inusitadas a Katniss Everdeen e à cantora e dançarina Inês Brasil[8]. Muitas das frases publicadas pela cantora nas redes sociais tornaram-se *memes*, a exemplo da sentença usada por Dilma Bolada na publicação em análise: "Se me *atacá*, eu vou *atacá*" (*sic*) que se alinha ao tom combativo da nova fase da personagem.

Diante da expectativa de renúncia da presidenta, Dilma Bolada demonstra a sua disposição para contra-atacar e lutar contra o golpe. Apesar de a presidenta estar sendo acusada, a personagem não se coloca como vítima. Ao contrário, age como uma guerreira, pronta para desmascarar seus inimigos e provar a própria honestidade. É interessante observar que a imagem da personagem é construída a partir da combinação de elementos que podem ser associados a características tradicionalmente masculinas e femininas. Se por um lado, ela está armada e representa uma guerreira – e a guerra é culturalmente definida como um lugar masculino – por outro, suas roupas e forma física reproduzem a sensualidade da protagonista da mencionada saga Hollywoodiana.

Essa combinação sinaliza uma possível tensão de gênero, na medida em que as mulheres podem ser criticadas se forem muito femininas ou, por outro lado, questionadas por serem muito masculinas. Ao associar essas referências com elementos da cultura *pop*, em uma linguagem que dialoga com o humor, Dilma Bolada constrói

[7] O filme estadunidense de ação, aventura e ficção científica *Jogos Vorazes* (2012) é dirigido por Gary Ross e baseado no romance de Suzanne Collins, sendo o primeiro da série quatro de filmes. Na história, garotos e garotas de 12 a 18 anos devem participar de um evento anual televisionado no qual precisam lutar até a morte até que sobre apenas um vencedor. Katniss Everdeen (Lawrence) se voluntaria no lugar de sua irmã mais nova nos jogos e acaba tornando-se a heroína da história.

[8] Pouco conhecida na mídia tradicional, a *web* celebridade Inês Brasil ganhou notoriedade após seu vídeo de inscrição para a edição de 2013 do *reality show* Big Brother Brasil, publicado no final de 2012, ter viralizado.

uma narrativa que nos parece distensionar um aparente paradoxo da imagem e do comportamento socialmente esperados da mulher.

Estudos sobre mulheres em posições de liderança (POMPPER, 2017; NORRIS, 1997) mostram que, enquanto homens poderosos são considerados bem-sucedidos, as mulheres nessa mesma situação são repreendidas por serem consideradas ambiciosas e agressivas, e também estereotipadas como frias e pouco humanas. Por outro lado, sua associação a características como a sensibilidade e a delicadeza acaba funcionando como um sinal de fraqueza ou despreparo para assumir posições de poder. Diante desse paradoxo, mulheres que ocupam cargos elevados na política e em outras áreas públicas devem parecer poderosas e, ao mesmo tempo, apropriadamente femininas. Esse é um campo de tensão comumente encontrado por mulheres em altas posições políticas.

"Li 13 vezes a lista e não vi meu nome"

A honestidade foi outra característica de Dilma Bolada ressaltada nas postagens do período analisado. O *post* mais curtido pelos internautas na *fanpage* no mês de março de 2016 usa uma fotografia de Dilma Rousseff com a seguinte frase: "Li 13 vezes a lista e não vi meu nome. Mas os da Comissão do *Impeachment*...". O questionamento da personagem refere-se à Comissão de *impeachment* responsável pelo julgamento da presidenta Dilma Rousseff.

Uma das narrativas bastante utilizadas nas publicações de Dilma Bolada afirma que os políticos responsáveis pelo julgamento da presidenta no processo de *impeachment* não tinham condições éticas de fazê-lo porque eram suspeitos de crimes de corrupção. Como a personagem afirmaria em outro *post*, eles tinham currículos que "não resistiriam a uma busca rápida no Google". Essa linha narrativa, construída através da ironia – elemento recorrentemente utilizado na linguagem humorística – mostra uma presidenta fictícia inocente, atacada por inimigos corruptos.

Há uma contraposição explícita entre a honestidade da presidenta e a desonestidade de seus adversários políticos. Porém, cabe destacar que essa construção do argumento da inocência da personagem baseia-se na oposição. Ou seja, em diversos momentos Dilma Bolada ancora a própria inocência na culpabilidade de seus adversários, o que nos remete à construção da mulher em relação ao outro. No processo

de *impeachment*, essa imagem do outro foi representada, majoritariamente, por homens brancos heterossexuais.

A linha narrativa adotada pela personagem sobre a honestidade da líder política a constrói como destoante do comportamento dos políticos brasileiros, uma estranha naquele meio. Mesmo referindo-se a uma característica positiva, como o fato de ser honesta, ela é descrita como "uma raridade" no seio do grupo que histórica e majoritariamente transita nesse espaço de poder. Uma percepção que pode provocar o entendimento de que a política não é um lugar apropriado às mulheres.

"De fome, não morro"

Em diversos momentos, a leveza do humor dá o tom das narrativas de Dilma Bolada. Esse riso, em tom de deboche e irreverência, tende a dissolver barreiras hierárquicas de forma a aproximar-se do público de Dilma Bolada e torná-lo mais receptivo mesmo nos momentos em que a personagem se mostra mais rude ou dura. Na postagem mais curtida do mês de junho de 2016, a personagem apresenta uma das características mais recorrentes do período analisado: divertida. O mote da publicação é o corte de verbas para alimentação no Palácio da Alvorada em junho de 2016, após a presidenta Dilma Rousseff ter sido afastada do cargo.

A personagem responde ao ato de Temer com irreverência, almoçando em um restaurante popular por R$ 1,0. A foto usada no *post* foi feita em 27 de agosto de 2014, durante uma visita da então candidata à reeleição Dilma Rousseff à capital fluminense.[9] Ressignificada na narrativa ficcional de Dilma Bolada, a imagem ganhou um novo sentido que a aproximou mais da população de baixa renda. Afinal, a personagem estava ali devido à necessidade imposta por um corte de verbas.

Como se percebe, o humor foi usado como estratégia de aproximação de Dilma Bolada com o público. De acordo com o especialista em *marketing* digital Vitor Paranhos, uma pessoa de personalidade mais séria e sem carisma torna-se querida e próxima através de um personagem engraçado. "As pessoas passam a se identificar com as piadas e forma de falar", afirma Paranhos (Informação verbal, ago. 2018). Além disso, o humor é capaz de diminuir a liturgia do cargo máximo do Poder Executivo.

---

[9] Jornal **Cruzeiro do Sul**, São Paulo, 27 ago. 2014. Disponível em: https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/566732/dilma-almoca-em-restaurante-popular-no-rj. Acesso em 10 mar. 2019.

Como o elevado grau de solenidade distancia as pessoas, a quebra desse protocolo litúrgico parece-nos aproximar o público da presidenta personagem. Isso é reforçado pelo tom popular de publicações como a que já nos referimos.

"Bela, recatada e do lar"

Outra postagem em que a linguagem humorística contribui para diminuir a liturgia associada à presidência faz alusão à polêmica matéria "Marcela Temer: bela, recatada e 'do lar'" publicada pela Revista *Veja*.[10] O texto foi publicado no dia seguinte à votação em que os deputados federais decidiram pela admissibilidade do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Assinada pela jornalista Juliana Linhares (18 abr. 2016), a matéria descreve a esposa do então vice-presidente Michel Temer como "vice-primeira-dama do lar". Segundo a reportagem, Marcela Temer é bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, e sempre chamou atenção pela sua beleza, "mas sempre foi recatada", ainda que o texto não justifique a origem da informação. A matéria cita como "prova" do suposto recato o fato de Marcela Temer ter sido acompanhada pela mãe no primeiro encontro com o atual marido, quando ainda era uma adolescente.

O texto não traz um olhar crítico sobre o conjunto de estereótipos relacionados ao "ideal" de mulher representado por Marcela Temer, com uma vida limitada aos cuidados com o filho e a casa. Não há qualquer pontuação de outros interesses da senhora Temer e nem qualquer estranhamento que possa demonstrar algum descompasso com o seu tempo. Ao contrário, a repórter afirma que Marcela Temer seria uma mulher de sorte, já que tinha um marido romântico – fortalecendo assim a visão secular de que o casamento e o romantismo são os ideais máximos das mulheres.

Dois dias depois, Dilma Bolada fez uma postagem referente à matéria da revista *Veja*. Como portador de uma grande habilidade para selecionar imagens cômicas da presidenta, Jeferson Monteiro postou, na *fanpage* Dilma Bolada, uma fotomontagem de Dilma Rousseff com o dedo médio levantado. Sobre a imagem, os dizeres "Bela e recatada e do lar". Através da expressão retratada na imagem, a personagem questionou o arcabouço de estereótipos que associam as mulheres aos domínios da domesticidade (CARNEIRO, 2019). Faz isso, inclusive, com um gesto que, nas convenções da boa

[10] LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e "do lar". Revista Veja, Brasília. 18 abr. 2016. Disponível em: https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/

educação, é inapropriado às "mulheres de família". Uma expressão que, ao invés de traduzir uma qualificação para as mulheres, em verdade, reitera a força dos estereótipos sobre esse gênero.

Consideramos que a referida matéria da revista *Veja* com sua concepção de "mulher ideal", restrita ao espaço privado, incentiva as tensões de gênero enfrentadas por muitas mulheres na política. Embora não mencione diretamente Dilma Rousseff, as diferenças entre ela e Marcela Temer são evocadas recorrentemente. Enquanto a primeira tem um cargo público, a outra é considerada doméstica. Não podemos desprezar os critérios de noticiabilidade do jornalismo, e é emblemático o fato do texto ter sido publicado apenas um dia após a votação pela admissibilidade do *impeachment* na Câmara dos Deputados. Naquele 17 de abril, com direito a transmissão ao vivo em rede de tevê, os deputados apelaram para as declarações de fé e pelos valores da família brasileira nas exposições dos votos (CASTRO, 2018, p.133). O texto da *Veja* ajuda a compor o jogo de cena que metaforicamente associaria a defesa do modelo tradicional de família e o *impeachment* da presidenta. Como afirma a pesquisadora Mary Garcia Castro (2017), trata-se de uma tentativa de:

> Conquistar uma massa levada a associar um governo, uma gestão que se queria derrubar com uma mulher que não se encaixava na norma esperada, a de mãe de família, 'recatada e do lar' e que seria uma ameaça à família, aos 'bons costumes', à moral de austeridade que se queria nas finanças públicas (CASTRO, 2018, p. 133).

É interessante lembrar que o processo de socialização dos estereótipos é ativado através do auto reforço: indivíduos aprendem a esperar que as mulheres personifiquem um conjunto de características; muitas mulheres fazem isso e esse processo cíclico confirma as crenças pré-existentes e, consequentemente, reforça as expectativas de estereótipos (BAUER, 2013, p. 26-27). Esse processo tem uma relação próxima com os meios de comunicação, que podem ser vistos como instrumentos de uma ordem social desigual, na qual produzem visões homogêneas que confirmam as perspectivas dominantes. Por esse viés, eles podem ser considerados propagadores privilegiados dos estereótipos, como foi o caso no exemplo citado da revista *Veja*. Por outro lado, quando a mídia é vista como responsável por um ambiente comunicativo plural, em que informações e visões de mundo variadas fazem parte da vivência dos indivíduos, ela trabalharia contra a manutenção dos estereótipos (BIROLI, 2011, p. 72).

É importante salientar que o perfil escrito sobre Marcela Temer na conhecida revista foi construído sem que ela própria tivesse voz. As fontes citadas na matéria são uma tia e a irmã caçula da "vice-primeira-dama", o cabeleireiro "de celebridades" Marco Biaggi e a estilista Martha Medeiros. Porém, Marcela Temer é silenciada mesmo no seu próprio perfil. No processo de reiteração de estereótipos, é possível afirmar que esse silenciamento contribui com a naturalização do fato da mulher não ter voz pública. É também uma reafirmação da falta de poder das mulheres.

Em contraposição, Dilma Bolada debocha dos estereótipos tradicionalmente femininos associados à esfera privada. No referido *post*, ela afasta-se do modelo da "mulher ideal" e enfatiza uma postura mais rude e dura, características historicamente associadas à masculinidade. O que pode explicar porque, culturalmente, homens sérios e sisudos são vistos com naturalidade na esfera política. Em contrapartida, mulheres com esse comportamento e atitudes, aos olhos sociais, são vistas como grosseiras e indóceis, comportamentos indesejáveis para a mulher, que passa a contrariar o comportamento cultural esperado para o seu gênero.

"Com golpe x sem golpe"

Pessoas que transitaram pela ambiência política brasileira entre 2015 e 2016 interpretaram o papel de vilões nas narrativas de Dilma Bolada. O mais frequente deles foi o vice-presidente Michel Temer, que assumiu o posto de presidente após o afastamento da presidenta Dilma Rousseff do cargo. Ele revelou-se o antagonista, traidor e articulador do *impeachment*. É interessante observar como essa oposição é construída pela personagem através das publicações, como pode ser observado na postagem mais curtida do mês de julho de 2016.

Na ocasião, faltava menos de um mês para o início dos Jogos Olímpicos do Rio e borbulhavam, na mídia, assuntos referentes às práticas esportivas e às Olimpíadas. Na referida publicação, curtida por 45 mil internautas, duas fotos contrapõem os encontros de Michel Temer e Dilma Bolada com atletas usando o uniforme da seleção brasileira. Com o primeiro, os esportistas estão sérios, assim como o presidente e o seu séquito. Já com Dilma Bolada, todas as atletas são mulheres, descontraídas e aparecem sorrindo, inclusive a presidenta personagem. Além disso, as esportistas foram fotografadas já com medalhas, um indicativo que eram vitoriosas.

As imagens sugerem uma diferença simbólica entre os dois mandatos: as pessoas parecem mais animadas e descontraídas com Dilma Bolada – que pode ser associada com a representação da democracia, enquanto seu antagonista está relacionado ao golpe. A única frase escrita no *post* ilustra bem a linguagem direta que funciona nas redes sociais: "Com Golpe x Sem Golpe". A publicação constrói narrativas opostas para Dilma Bolada e Michel Temer. Enquanto a presidenta Bolada é querida pelas atletas, o governo Temer pode ser interpretado como sério e impopular.

Mas essa não é a única possibilidade de interpretação para o *post*. Em alguns dos 2 mil comentários feitos na postagem, internautas afirmaram que imagem com Temer representava a ordem e a organização, enquanto a foto com a Bolada simbolizava a desordem e a bagunça. É interessante observar porque a alegria e a animação da segunda fotografia representam, para alguns internautas, desordem. Não se pode esquecer de que, culturalmente, a ordem, em sentido mais estrito, é atribuída ao homem. Associada às mulheres, a ordem resvala para um território do extravasar da emoção, uma espécie de ponto de fuga da sobriedade. A ordem, nesse sentido, seria conter as emoções e transformar o espaço dos sentimentos em territórios lisos e estéreis.

A pesquisadora britânica Mary Beard (2018) afirma que as mulheres ainda são vistas ocupando um lugar fora do poder. Ela cita metáforas habituais para se referir ao acesso feminino às posições de liderança – como "batendo na porta" e "quebrando as barreiras", por exemplo – que sublinham a exterioridade feminina. Acreditamos que uma das formas encontradas por Dilma Bolada para neutralizar a imagem de que a mulher no poder estaria fora de lugar foi a utilização de características masculinas e femininas associadas à linguagem humorística em suas narrativas. Tal comportamento torna Dilma Bolada uma personagem que se configura, na perspectiva dos estereótipos, um ser de sexualidade ambígua.

Considerações Finais

As publicações de Dilma Bolada constituem um rico acervo para a análise de como as questões de gênero são tratadas no âmbito da política contemporânea, e como o humor e as redes sociais configuram-se como ambiência para suas possíveis tensões. As postagens da personagem no Facebook conformam novas tecituras nesse campo permeado de conflitos. Ao definir como inspiração a primeira presidenta do país, Dilma

Bolada insere no universo da linguagem humorística as narrativas sobre a atuação da primeira presidenta do Brasil. Uma série de questões que podem ser analisadas pelo viés de gênero saltaram aos olhos diante das publicações da personagem, tendo como contexto um país que, embora tenha escolhido nas urnas ser governado por uma mulher, permitiu que o ranço sexista da sua cultura interferisse diretamente na sua governabilidade.

É bastante revelador que, embora o temperamento de Dilma Rousseff fosse criticado por seus adversários, pela opinião pública e até mesmo por alguns de seus aliados políticos, esse mesmo temperamento, entretanto, seja considerado burlesco, simpático e atraente nas postagens de Dilma Bolada. Era um traço marcante da personagem o jeito rude e impetuoso, sem deixar de ser irreverente. Nesse sentido, acreditamos que as licenças concedidas pelo campo da ficção e o relaxamento provocado pelo humor tornaram as características dessa personagem importantes para a positivação da sua imagem.

A partir dessa condição peculiar, os resultados de nossa análise indicaram que o comportamento e as ações da personagem estavam mais associados a estereótipos relacionados aos construtos masculinos. Características como irônica, corajosa, dura e poderosa contribuíram para que a personagem expressasse o prestígio de sua posição como chefe fictícia do Poder Executivo do Brasil. Por outro lado, a personagem também apresenta características culturalmente associadas à feminilidade, que foram usadas estrategicamente para o fortalecimento de sua liderança, a exemplo de bonita, agradável e sentimental. Além disso, ela reforça um atributo socialmente relacionado às mulheres na política: a honestidade, argumento central para a sua defesa contra as acusações no *impeachment*.

A personagem não se aprisiona naquilo que a sociedade define como estereótipos culturalmente atribuídos aos homens ou às mulheres, apresentando uma dimensão de liberdade frente a esses padrões sociais de gênero preestabelecidos. Trata-se, portanto, de uma importante quebra de paradigmas. Essa capacidade de subverter os papéis de gênero socialmente estabelecidos é uma das características mais vigorosas da personagem, já que ela consegue destoar e transcender esses atributos culturalmente padronizados, demonstrando uma capacidade de ir além dos estereótipos.

Ao combinar essas representações masculinas e femininas, Dilma Bolada expõe uma tensão expressiva. Entretanto, os tecidos do humor do qual se constitui a personagem contribuem para subverter os papéis tradicionais de gênero. As narrativas da personagem apresentam ao público a dimensão questionadora de lugares preestabelecidos possibilitada pelo humor. A irreverência da presidenta fictícia transforma o seu alegado temperamento forte em sinônimo de poder e afirmação para a personagem, que constrói a própria imagem de mulher destemida, soberana e diva. Uma combinação dificilmente encontrada na política, mas verossímil no universo ficcional de Dilma Bolada.

Em momentos de duras críticas e episódios de machismo contra Dilma Rousseff, a personagem construiu narrativas que ironizavam o sexismo que dominava o cenário político do país. É importante destacar que os episódios de violência simbólica vivenciados por Dilma Rousseff no período estudado têm como alvo todas as mulheres, e não apenas a presidenta. Nesse sentido, o riso catártico pode funcionar como um processo coletivo, uma sensação de resposta ao silenciamento das instituições democráticas que deveriam posicionar-se contra esse tipo de violência. Tal silêncio demonstra a naturalização das práticas de discriminação da mulher na política.

Entretanto, algumas publicações de Dilma Bolada também revelam a reprodução de estereótipos de gênero associados à dominação masculina. O tratamento dispensado pela presidenta fictícia à Marcela Temer, carregado de expressões e padrões de comportamento machistas, é um exemplo significativo de como Dilma Bolada, abrigada pelo humor, acolheu e naturalizou papéis de poder que submetem as mulheres ao espaço restrito dos cuidados com a casa, e à desvalorização desse lugar social. Tais posicionamentos revelam o quanto as disputas de poder constituem um espaço fértil para as tensões de gênero, como tentativa de manutenção de posições privilegiadas à custa da subordinação das mulheres. Ainda que seja a representação de uma mulher, Dilma Bolada reproduz e, por vezes, naturaliza comportamentos machistas.

Assim, o campo do humor configura-se como um universo possível de aceitação da presença da mulher em espaços de poder em que, a despeito de todos os avanços, esse gênero ainda enfrenta sérias restrições. Uma percepção que nos parece corroborar a hipótese de o humor – no caso de Dilma Bolada – contribuir com um possível

relaxamento de tensões de gênero. Os resultados da pesquisa atestam a complexidade de subverter os estereótipos de gênero e podem fornecer indícios para estratégias de novas construções identitárias para a atuação da mulher na política contemporânea.

Referências

BAUER, Nichole. Rethinking stereotype reliance. In: **Politics and Life Sciences**, vol. 32, N. 1, p. 22-42, Spring 2013.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 6, julho-dezembro de 2011, P. 71-98.

CARNEIRO, Adriana Jacob. A 'Bolada' das Redes. Um estudo sobre entrelaces de gênero, humor e mídia em Dilma Bolada. Doutorado (Tese). Salvador: Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, 2019.

CASTRO, Mary Garcia. O golpe de 2016 e a demonização de gênero. In: RUBIM, Linda e ARGOLO, Fernanda (Orgs.). **O Golpe na perspectiva de gênero.** Salvador: Edufba, 2018.

CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda; RIOS, Daniel e MAGALHÃES, Dandara. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo sobre memes dos debates nas Eleições 2014. In: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 38, p.173-196, jan./abr.2017.

JAMIESON, Kathleen Hall. **Beyond the Double Bind. Women and Leadership.** New York: Oxford University Press, 1995.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e "do lar". Revista Veja, Brasília. 18 abr. 2016. Disponível em: https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade humorística.** In: A era do vazio. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005.

MONTEIRO, Jeferson. **Dilma Bolada.** Dezembro de 2015 a Agosto de 2016. *Fanpage.*

MONTEIRO, Jeferson. Informação verbal. Dezembro 2015.

NORRIS, Pippa. **Women, Media and Politics**. Nova York: Oxford University Press, 1997.

PARANHOS, Vitor. Informação verbal. Agosto 2018.

PEW RESEARCH CENTER. New Media, Old Media. How Blogs and Social Media Agendas Relate and Differ from the Traditional Press. 30 mai. 2010. Disponível em http://www.journalism.org/2010/05/23/new-media-old-media/. Acesso em: 25/01/2017.

POMPPER, Donnalyn. **Rethoric of Femininity**. Female Body Image, Media, and Gender Role Stress/Conflict. Lanham: Lexington Books, 2017.

RUBIM, Linda e ARGOLO, Fernanda (Orgs.). **O Golpe na perspectiva de gênero.** Salvador: Edufba, 2018.